2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS — AGRICULTURA — INDUSTRIA — LITTERATURA — BELLAS-ARTES — NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 13. QUINTA FEIRA, 1 DE FEVEREIRO DE 1849. **8.º ANNO.**

CONHECIMENTOS UTEIS.

Considerações ácerca do clima de Lisboa.

205 Condescendendo com o desejo repetidas vezes manifestado pelo Redactor d'este Jornal, como apreciador dos trabalhos de que podem resultar vantagem á sciencia e ao publico, de publicar o resumo das observações meteorologicas que tenho feito n'esta cidade, no longo periodo de 26 annos, em duas series seguidas, que só foram interrompidas nos annos de 1827 a 33, vou por isso satisfaser a sua vontade começando pelo mez de Dezembro findo, que segundo o meu systema considero o primeiro do inverno do anno corrente de 1849. As minhas numerosas observações me induziram adoptar a seguinte divisão das estações, n'este nosso clima, como a mais apropriada e conforme aos phenomenos atmosphericos, que tão poderosa influencia exercem na vida do reino vegetal e animal, assim como sobre a navegação, nos trabalhos hydraulicos, encanamentos de rios, e outros muitos que seria ocioso mencionar. — Voltando á classificação das estações, direi qne no meu systema considero o *Inverno* comprehendendo os quatro mezes de Dezembro do anno antecedente, Janeiro, Fevereiro e Março do corrente. — *Primavera* os dois meses de Abril e Maio, cujas vicissitudes e desigualdades no nosso clima, são tantas vezes funestas ao reino vegetal. — O *Verão* comprehende os quatro mezes de Junho a Setembro, terminando o anno meteorologico com os dois mezes do *Outono*, Outubro e Novembro.

Estabelecida d'esta maneira a classificação das quatro estações, cumpre declarar que as observações de temperatura são feitas com bons thermometros inglezes, cuja escala representa a divisão de *Fahrenheit*, adoptada em Inglaterra, e que a meu vêr offerece a vantagem de não carecer a annotação das fracções do gráu porque pelo seu maior numero, comprehendido entre os dois pontos fixos do gelo e agua fervendo são constantemente tão pequenos que se podem despresar as fracções do mesmo gráu, o que se comprehende facilmente reflectindo que no ponto do gelo o sobredicto thermometro indica 32°, e que no ponto de ebullição marca 212°, ficando por consequencia dividido em 180 partes ou gráus o sobredito espaço, quando nos thermometros de *Reaumur* o mesmo espaço só contém 80 divisões, e o *Centigrado* 100°; porém é facil redusir os gráus de *Fahrenheit* a qualquer dos outros dois thermometros com o auxilio de pequenas taboas que se acham em todos os tractados de meteorologia. — No meu observatorio existem thermometros de *maxima* e *minima*, os quaes por si mesmos marcam a maior e menor temperatura do dia, facilitando ao observador o seu conhecimento a qualquer hora que os consulte. Estes instrumentos estão collocados ao ar livre na exposição do norte, e abrigados da influencia directa ou reflectida dos raios solares. — A pressão atmospherica é avaliada por um excellente barometro a nivel constante, cuja divisão indica *millimetros* da medida franceza, e de cujos resultados se illiminam os effeitos thermometricos que obram naquelle instrumento pela dilatação ou contracção do mercurio devida ao calor ou resfriamento, reduzindo as alturas observadas á temperatura de 63° Fah., por ser a temperatura media do anno em Lisboa, e que é facil transferir para a temperatura do gelo, quando se careça para as diversas applicações á meteorologia ou geographia physica comparada. Convém egualmente notar-se que as tres estações em que tenho praticado as observações, tiveram sempre logar, com pequenas differenças, em sitios d'esta cidade, elevados 85 metros, (386 palmos) sobre o nivel do Tejo, pelo que as alturas indicadas deverão augmentar-se com 7,4 millimetros, quando se queiram transferir ao sobredito nivel.

A quantidade da chuva cahida é avaliada por um *pluvimetro* de mui singela construcção, que marca a altura em millimetros, advertindo-se que a cada millimetro da sua divisão correspondem 3,514 canadas por braça quadrada, ou 74.722 pipas de 25 almudes por legoa quadrada de 20 ao gráu. — A quantidade media ou normal que corresponde a um anno regular, deduzída dos 26 annos de observação, é de 622 millimetros, ou um pouco menos de 3 palmos que cobririam de liquido toda a superficie do solo, se fosse possivel evitar qualquer derivação ou evaporação. Esta chuva é distribuida por 95 $\frac{1}{2}$ dias da maneira seguinte:

	Dias	Mill.	
Dezembro...	12,4	86	Inverno 44,1 dias de chuva, e 298 mill., ou 0,48 da chuva annual, quasi metade.
Janeiro.....	13,4	91	
Fevereiro ..	10.	73	
Março	8,3	48	
Abril.....	9,6	53	Primavera 18,3 dias e 91 mill. ou 0,15 da chuva annual.
Maio	8,7	38	
Junho.....	4.	14	Verão 15,7 dias de chuva e 59 mill., ou 0,09 da chuva annual, ou menos de um decimo.
Julho	1,4	5	
Agosto	2.	5	
Setembro...	6,3	35	
Outubro....	10,4	83	Outono 21,4 dias, e 174 mill., ou 0,28 da chuva annual.
Novembro ..	11.	91	
Total...	95,5	622	

D'este mappa se reconhece a grande secca que predomina em nosso clima no estio, o qual no longo periodo de quatro mezes não chega a fornecer um decimo de chuva annual; e se excluirmos a segunda metade do mez de Setembro, em que apparecem as primeiras agoas, teremos como resultado final, que nos 3 mezes e meio do estio rigoroso, apenas recebe a terra 25 millimetros de agua, ou quatro centesimos da chuva annual. — Egualmente se deduz pelo que fica exposto, que uma braça quadrada de superficie recebe annualmente 7 $\frac{1}{3}$ pipas de 25 almudes, cuja quantidade se orça necessaria para o consumo annual de cada individuo, para todos os mesteres de que carece no tracto da vida. Esta determinação servirá egualmente para fixar as discussões de qualquer systema em relação á superficie fornecedora das aguas pluviaes.

A direcção dos ventos, principaes agentes das variações atmosphericas, é determinada por um bom catavento elevado 53 palmos sobre o nivel do terreno, e perfeitamente desembaraçado dos embates de edificios; e a sua velocidade ou força, é determinada por estimativa, na conformidade da seguinte classificação.

Designo no meu Diario o vento apenas sensivel com o expoente de um ponto sobre as iniciaes, que denotam a sua direcção. — Vento ligeiro sem expoente — Vento fresco com o expoente 1, continuando da fórma que vae expresso no mappa seguinte.

	Vel. por hora em milh.	Signaes no Diario.	Expres. da força.
V.° apenas sensivel.	2	·	(0,2)
— Ligeiro	4	»	(0,3)
— Fresco.....	12	1	(1,0)
— Muito fresco..	15	2	(1,3)
— Fresquissimo..	20	3	(1,6)
— Impetuoso	29	4	(2,4)
— Tempestade...	39	5	(3,2)
— Furacão.....	78	6	(6,4)

Estabelecidos estes signaes de convenção, será facil avaliar todas as circumstancias relativas á sua força ou choque, á vista do meu diario; assim, por exemplo, quando apparecer a indicação de N. 17 (1,3), deve entender-se que o norte soprou 17 meios dias, com a força media de (1,3) ou de 15 milhas por hora, o qual, em expressão nautica, denota vento muito fresco; portanto as letras iniciaes denotarão a direcção ou rumo, o algarismo que as segue o numero dos meios dias em que soprou, e o algarismo immediato, fechado em colchetes, a sua força no signal de convenção, que facilmente se transforma na velocidade effectiva, consultando o antecedente mappa.

Não será improprio darmos aqui uma idéa da prodigiosa força d'este elemento quando adquire uma grande velocidade, notando-se que segundo as mais exactas experiencias se reconheceu que a pressão exercida pelo vento mais fraco, ou zefiro, de 2 milhas de velocidade por hora, na superficie de um metro quadrado, ou 20,6 palmos quadrados, é de 0,17 killogrammas ou 6 onças portuguezas, augmentando aquelle esforço na rasão dos quadrados das velocidades. Portanto no vento fresco, de 12 milhas de velocidade, ou 6 vezes maior que a antecedente, a pressão será 36 vezes maior, ou de 13 $\frac{1}{3}$ arrateis sobre a mesma superficie; e a do Furacão, que arranca as mais robustas arvores, subirá a 1.521 vezes a do primeiro, produzindo sobre aquella superficie a enorme pressão de 562 arrateis com a espantosa velocidade de 26 leguas por hora.

Ainda que a estimativa de que faço uso no meu Diario para a determinação das respectivas velocidades, parecerá assás vaga, comtudo a minha longa experiencia, e a pratica adquirida na vida maritima, quando tive a honra de servir na Real Armada, dão sufficiente garantia da sua exactidão, devendo notar-se que este essencial elemento não foi ainda contemplado pelo grande numero de observadores espalhados no globo, e por isso este meu additamento deve considerar-se um aperfeiçoamento que provavelmente se adoptará, pois que as observações feitas com instrumentos apropriados para se determinar rigorosamente aquella velocidade, exigirão tal attenção e tão continua permanencia do observador, que não será possivel realisar-se. — A direcção media dos ventos predominantes no mar, ou a sua resultante, é determinada pela formula do celebre astronomo Lambert, e a sua força deduzida das velocidades parciaes dos ventos, que effectivamente sopraram no mesmo periodo.

O estado da atmosphera denota a que predominou na manhã e tarde de cada dia, e por isso os algarismos, que seguem as suas qualidades caracteristicas, designam meios dias.

O conhecimento da *climatologia* de qualquer paiz é um elemento tão importante da sua geographia physica, e de tão uteis applicações aos seus interesses vitaes, que por isso se tem hoje generalisado a sua cultura em todas as nações civilisadas do continente, como o indicam os profundos e interessantes tractados que a tal respeito se teem publicado, não podendo deixar de citar o que deu á luz o illustre sabio, *A. de Humboldt*, sobre a Asia central, no qual brilha a perspicacia e o vasto saber de um dos genios mais transcendentes da nossa epocha.

Resumo das observações feitas em Lisboa no mez de Dezembro de 1848, 1.° do inverno de 1849 — na altura de 39 braças (86 metros) sobre o nivel do Tejo.

Temperaturas. — Maior calor a 15 do mez, 65°. Maior frio a 22 — 37°. — Variação media diurna 10,7°. — Maior variação diurna a 7 — 18°. — Temperatura media das madrugadas 47,7°. — Dita ás 2 horas da tarde 58,4°. — Dita media do mez 53,2°, ou 2° mais elevada do que a normal.

Pressão da atmosphera, reduzidas as alturas do barometro á temperatura de 63°. — Maxima altura a 27, de 767,4 millimetros. — Menor a 30, de 754,6. — Altura media 760,7. — Variação dos extremos 12,8 millimetros.

Ventos dominantes. — N. 9 (0,2) — NO. 4 (0,9) — O. 1 (1,3) — SO. 3 (0,5) — S. 11 (1,5) — NE. 10 (0,3) — E. 5 (0,3) — SE. 8 (0,7) — Bonanças ou Variaveis bonançosos, 11 — Direcção media do vento, N. 89°, E. (0,7) — Madrugadas bonançosas 17 — Meios dias ventosos 13 — Tempestades quatro, a 14, 15, 16 e 24 do mez.

Estado da atmosphera. — Meios dias claros 18 — Claros e Nuvens 5 — Cobertos 17 — Cobertos e alguns clarões 6 — Dias em que choveu 8, fazendo 77 millimetros de chuva, ou menos um decimo da chuva normal — Nevoeiros matutinos 10 — Dias de frio notavel 9. — Em geral foi a sua temperatura macia, regularmente chuvoso, com amiudados nevoeiros, humido, e medianamente ventoso.

Necrologia dos 6 districtos de Lisboa. — Foram sepultados nos tres cemiterios do Alto de S. João, Prazeres e Ajuda, do sexo masculino 256 cadaveres maiores, e 137 menores; total 392. — Do sexo feminino 181 maiores, e 136 menores; total 317 — Total geral 710, em cujo numero se comprehendem 362 que falleceram nos hospitaes, nos estabelecimentos pios, prisões, etc.

M. M. Franzini.

Alvitre a favor da nossa Industria.

206 Teem-se estabelecido muitas e differentes fabricas, e de manufacturas tão aprimoradas, que nada invejam ás estrangeiras, sendo quasi sempre preferiveis seus artefactos a estas por sua duração ou solidez; mas desgraçadamente pouco conhecidas do paiz, e muito difficeis de alcançar nas provincias. No sul do Alemtejo não é facil obter tecidos da excellente fabrica de Portalegre, e muitas vezes é illudido o comprador com pannos hespanhoes por aquelles.

Para interesse do publico, e dos proprietarios das fabricas, lembro o seguinte:

1.° Estabelecerem os proprietarios das fabricas um deposito commum dos objectos que fabricam, com preços fixos, em cada capital de districto.

2.° Terem em todas as outras terras correspondentes com estes depositos, os quaes tivessem amostras de tudo, com os preços, de maneira que não podessem ser alterados; e do que não podesse haver amostras, desenhos com dimensões, preços, etc. Estes correspondentes encarregarem-se de mandarem vir as encommendas que se lhes fizessem, carregando mais ao comprador o frete.

Os fabricantes tiravam vantagens, porque este estabelecimento muito pouco os poderia onerar, sendo entre muitos (pois que o armazem e vendedor eram communs para todas as fabricas), e gastavam-se-lhes suas manufacturas com mais brevidade: o povo lucrava tambem, porque comprava mais barato em primeira mão, e com facilidade obteria os productos fabris nacionaes, proporcionando-se-lhe muita coisa de que até não tem conhecimento.

As loiças excellentes de Vista-Alegre, as ferragens de Lisboa, os tecidos d'algodão de Lisboa e Porto, os de linho de Torres-Novas, os de lã do Campo Grande e Portalegre, o papel do Tojal e Louzã, e tantos outros objectos de primeira necessidade pouco apparecem na provincia, e sempre caros, e de muitos d'estes mesmos só se sabe que existem fabricas pelos artigos dos periodicos.

D'este estabelecimento poder-se-hia lucrar, além da vantagem material, tambem a intellectual, encarregando-se os correspondentes dos depositos de receber assignaturas dos jornaes, e outras obras litterarias, sendo assim poderoso vehiculo da instrucção, e commercio de livros, porque muitas vezes se deixa de assignar pela difficuldade da remessa de pequenas quantias.

R. C. S. C.

O Chloroformio empregado como motor.

Lemos em um Jornal francez a seguinte nota de Eugenio Karr, engenheiro civil.

207 «Assistimos, Domingo 10 de Setembro, a uma experiencia de um grande interesse, nas officinas de M. Charles Beslay, constructor de machinas, e representante do povo.

Esta experiencia era feita pelo auctor do invento, M. Lafont, official de marinha, na presença das principaes summidades industriaes de París, engenheiros, fabricantes, e representantes do povo,

O emprego do Chloroformio como motor é uma descoberta util, e sendo o seu resultado grande economia no combustivel.

Esta descoberta vae fazer abandonar a applicação do ether como motor.

A machina que vimos trabalhar é uma machina dupla de condensação pelo contacto, em tudo similhante ás que M. Beslay constroe para os navios.

Esta machina de vapor, como todas as machinas duplas, compõe-se de dois cilindros destinados a receber ordinariamente o vapor de agua, que põe em movimento os embolos que elles conteem, e de um gerador de vapor que alimenta os dois cilindros: tem tambem uma caldeira tubular vertical, e cuja construcção interior se compõe de uma caldeira, que colocada verticalmente sobre o fogão, não deixa entre as grelhas e sua base inferior senão o espaço necessario para que o combustivel se accenda e arda livremente; pelo interior d'esta caldeira passam varios tubos, ordinariamente de cobre, por onde penetram as chammas do fogão. A chaminé, collocada na

parte superior da caldeira, attrahe as chammas, e conserva-as sempre dentro dos tubos. A agua, que está dentro da caldeira, em contacto com os tubos onde giram as chammas, e que appresentam grandes superficies fortemente aquecidas, é posta depressa em ebulição. É uma applicação recente e vantajosamente collocada nas machinas de vapor ordinarias. Junctou-se unicamente á machina dupla de M. Beslay um apparelho particular para lhe applicar o Chloroformio. É um cilindro de ferro fundido posto verticalmente, e que tem dentro, como a caldeira, tubos de cobre cujas extremidades se fecham nas paredes inferior e superior do cilindro, porém que em logar de servirem de conductores ás chammas, recebem o Chloroformio.

O vapor de agua produsido pela caldeira apenas communica com um dos dois cilindros: — os tubos do apparelho do Chloroformio juntam-se no cimo do cilindro em um só, o qual vae communicar directamente com o segundo cilindro do vapor. O primeiro cilindro que recebe o vapor de agua tem a sua sahida de vapor tambem em communicação directa com o interior do apparelho do Chloroformio, e faculta ao vapor, depois de ter produsido o seu effeito util, introdusir-se e involver os tubos do Chloroformio. Este canal de communicação tem uma torneira reguladora de que o machinista dispõe. Esta parte do apparelho é de muita importancia.

O vapor de agua, sendo posto em communicação com o cilindro de vapor, opéra sobre o embolo, e depois sahe do cilindro para ir introduzir-se no apparelho, que contém os tubos do Chloroformio, e pôr-se em contacto com estes.

O Chloroformio tem a propriedade de absorver rapidamente o calorico do vapor, e de se condensar immediatamente. Durante esta condensação o Chloroformio, que absorveu o calorico do vapor de agua, se converte tambem em vapor, e passa para o segundo cilindro a pôr o seu embolo em movimento. O Chloroformio serviu pois de agente condensador, e de agente motor. *

Todos comprehenderão que a força motriz effeituada pelo cilindro de vapor de agua precisa só de combustivel, bem que os dois embolos sejam postos em movimento, e hajam produzido os seus effeitos uteis.

A machina de M. Beslay é da força de vinte cavallos; ou de dez cavallos para cada cilindro. Os *indicadores* de M. Paul Garnier, e o *freio* de M. Prony, adaptados ás duas machinas deram os resultados seguintes para os dois cilindros, cujos diametros interiores são eguaes, bem como o espaço que teem a precorrer os dois pistões. O cilindro posto em movimento pelo vapor de agua deu em resultado uma força egual á de nove cavallos e 45 centesimos: e o movido pelo vapor do Chloroformio uma força de quatorze cavallos e 80 centesimos: e a machina toda vinte e quatro cavallos e 25 centesimos.»

* O Chloroformio contém 6 partes de chloro, 4 de carbonio, e 2 de hydrogenio. Fabricado em ponto grande vem a sahir a baixo preço. Diz-se que a 50 centimos (80 réis) o litro (quasi uma canada).

Afolhamento alternado de quatro em quatro annos.

208 Quando qualquer facto agricola é verificado pela experiencia, não deve a sua utilidade limitar-se ao paiz que o tornou evidente; pertence á agricultura de todos os paizes civilisados.

A grande questão dos afolhamentos acaba de dar, na Inglaterra, um grande passo no seu aperfeiçoamento.

Depois de muitas experiencias e grandes discussões, a evidente vantagem dos afolhamentos quadriennaes alternados sobre outros já experimentados, ou propostos, passou ao numero das verdades que não precisam de demonstração.

Não é dizer, que seja applicavel a todos os terrenos, e em todos os casos; mas na maior parte delles, como se obtem melhores resultados, é occupando as terras de quatro em quatro annos com duas sementeiras de cereaes, e duas de forragens alternadamente.

M. Nesbit, chimico inglez contemporaneo, e um dos que se tem dedicado com mais exito ao estudo da applicação da chimica, dedusiu ultimamente, com muita exactidão, o motivo porque o afolhamento quadriennal era superior a todos os outros methodos, na presença de grandes proprietarios e distinctos agricultores.

«O que torna sobre tudo proveitoso este genero de afolhamento, disse elle, é a grande quantidade de ammoniaco derramado na atmosphera pelas folhas dos nabos, que no primeiro anno se devem semear.»

«Esta substancia, que é eminentemente fecundante, revertida á terra pelos estrumes dos animaes, prepara-a com preferencia a outra qualquer para dar uma abundante colheita de cevada, que deve ser a immediata. Depois segue-se uma sementeira de trêvo, que sendo nutrido assim como os nabos pela atmosphera, deixa ficar na terra grandes raizes, cuja decomposição lenta serve de alimento ao trigo, que se semêa no quarto anno.»

«Estas verdades não são bem conhecidas pelos agricultores. Podem elles, sim, pela experiencia saber, que a cevada produz bem depois dos nabos, e depois do trêvo o trigo; mas ignoram sobre que base se funda a vantagem do afolhamento assim alternado; e os motivos pelos quaes se lhes deve dar a preferencia, sempre que as circumstancias o permittam.

Eis um dos motivos, sobre outros muitos, pelos quaes nas terras agricolas se deve instar por estabecimentos de ensino de agricultura: pelo menos em todas as aulas de instrucção primaria muito conviria que os mestres ensinassem os elementos da agricultura.

Moniteur Industriel.

PARTE LITTERARIA.

A Litteratura.

I.

209 ¿A *Litteratura* é acaso professada entre nós como uma *Faculdade*, isto é, como um corpo de scien-

cia, que tem differentes ramos, differentes disciplinas, á similhança da Jurisprudencia, da Mathematica, da Medicina?

Exigem a natureza das coisas, e a conveniencia geral, que n'este sentido seja ella professada?

Eis as questões que eu pretendo submetter ao exame das pessoas competentes.

Em um paiz, e n'uma epocha em que apparecem os Garretts, os Herculanos, os Castilhos, e toda essa brilhante phalange de mancebos esperançosos, cujos nomes é desnecessario mencionar, porque assaz conhecidos e admirados são elles, pelas notaveis producções com que vão enriquecendo as letras, e grangeando renome á nossa terra; em um paiz, digo, n'uma epocha, em que tão illustres Litteratos se appresentam, parece um paradoxo o julgar necessario tractar taes questões.

Mas esses grandes luminares são uma excepção feliz, — são astros que giram solitarios na immensidade do espaço, — são uma demonstração viva do talento com que a natureza fadou os nossos conterraneos; — mas nem o seu elevado engenho, nem os seus magnificos escriptos podem, em boa logica, fornecer argumento para asseverar que em Portugal se dá á Litteratura a importancia que ella tem essencialmente, e muito menos que ella seja professada, com a extensão, amplitude, e desenvolvimento que lhe cabem.

E não se pense tão pouco que eu desconheço a excellencia de um certo numero de Memorias de Litteratura que, por boa fortuna, tantos sabios Portuguezes teem escripto. Serão sempre apreciadas e lidas com grande proveito essas Memorias, que dão testimunho do mais apurado gosto, de judiciosa critica, de uma vasta erudição. Assim, por exemplo, se quisermos saber com todo o fundamento, e com solido conhecimento, assente em seguras bases, o que de mais averiguado póde admittir-se, e asseverar-se ácerca do nosso immortal Camões, será indispensavel ler com séria attenção o que a respeito da vida e obras do grande auctor dos *Lusiadas* escreveu o Sr. Bispo de Vizeu. E ainda mais do que fonte de bons conhecimentos devemos considerar essa e outras Memorias que possuimos; entendo até que as podemos considerar como excellentes modelos no vasto campo da litteratura, não só em quanto á critica, mas tambem no que toca á linguistica, á philologia, á oratoria etc.

Mas de tudo isto a um corpo systematico de doutrina, a um professorato cabal de Litteratura entre nós, vae uma distancia incommensuravel. Entre o que possuimos, e o de que precisamos indispensavelmente, ha um vacuo immenso que convém encher ainda á custa dos maiores sacrificios. Entre as exigencias da natureza das coisas e o estado dos estudos, do ensino, dos elementos, que entre nós existem, medeia um vasto deserto, que a todo o custo devemos reduzir a cultura e tornar habitavel.

A Litteratura propõe-se essencialmente a apresentar-nos um quadro vivo do homem, tal qual elle é em *geral*, e em *particular*, isto é, antes e depois de receber as impressões profundas do clima, das leis, dos diversos estados da civilisação, e de circumstancias mil que o modificam.

Este simples enunciado basta para nos habilitar a fazer uma resenha dos elementos que constituem a Litteratura. E com effeito, o Litterato deve possuir o conhecimento da lingoagem com todo o cortejo immenso das questões ethnographicas; da *Epopéa* heroica, e comica; da *Tragedia*, e da *Comedia*; das differentes especies de *satyras*, *contos*, *fabulas*, *romances*; dos *Tratados dos moralistas*; da *historia* antiga e moderna; da *eloquencia*, applicada ás differentes especies de composição, e a cada scena particular do drama da vida humana; da *arte de pensar*, que chama a rasão em soccorro da faculdade inventiva, e gera a *hermeneutica* e a *critica* para entender e julgar as obras dos outros.

E se este enunciado *a priori*, inteiramente deduzido da theoria, não satisfaz de todo o ponto o nosso espirito, recorrâmos á parte pratica da sciencia, e por certo que a nossa convicção ficará assente em solidas bases. Lancemos um rapido olhar sobre os escriptores mais notaveis da Litteratura antiga e moderna — e desde logo conheceremos que todos esses elementos, que acabo de mencionar, entram essencialmente na constituição organica, se assim posso dizer, da Litteratura. Entre os Gregos, encontramos Pithagoras, Eschylo, Sophocles, Euripides, Aristophanes, Platão, Socrates, Xenophonte, Epitecto, Epicuro, Theophrasto, o Portico, a Academia, Plutarcho, Luciano; — entre os Romanos: Lucrecio, Cicero, Tito Livio, Virgilio, Ovidio, Phedro, Seneca, Tacito; — entre os modernos: Shakspeare, Milton, Pope, — Dante, Ariosto, Machiavello, — Montaigne, Labruyère, La Rochefoucault, Pascal, Bossuet, Fénélon, Massillon, La Fontaine, Molière, — Fielding, Richardson, Le Sage, Jean Jacques Rousseau, — Barros, Sá de Miranda, Camões, Vieira etc. etc. etc.

Lendo os immortaes escriptos, as admiraveis producções de todos esses sublimes genios, e de outros, que fôra longo enumerar, acaso não vemos que elles estudaram e explicaram o homem, tanto na sua essencia e generalidade, como na especialidade dos diversos gráos da civilisação? Não vemos que elles exploraram as minas riquissimas da Litteratura nas diversas regiões da Poesia, da Eloquencia, da Moral, da Historia, da Philologia e da Critica? E será possivel seguir aquellas aguias em seus vôos altivos, sem adquirir primeiramente a força e destreza, que se tornam indispensaveis para nos arremessarmos ao espaço? Será possivel fazer progressos em uma sciencia que se apresenta com todos os caracteres e titulos de verdadeiramente tal, sem que um systema largo de ensino habilite previamente os que pretendem entrar no sanctuario?

Na serie d'esses escriptos, aliás tão variados, tão diversos nas fórmas, nos objectos, e no fim, como separados no tempo, existe um corpo de sciencia, com todo o cortejo de verdades encadeadas e methodicamente deduzidas, tendentes a desenhar o quadro vivo do homem, a offerecer as manifestações mais interessantes do desenvolvimento do espirito, rasgos de imaginação, traços do bello moral, descripção das bellezas do universo, revelação dos segredos do coração humano, phases da civilisação dos povos: — e tudo isto encaminhado a tornar melhor o homem, a amenisar-lhe a existencia, a enriquecel-o de bellissimas e importantes recordações, deliciosas imagens, que o distrahem nos dias amargos da doença, na decre-

pitude da velhice, no affan e penosos trances da peregrinação da vida.

Póde porém recear-se, como tão elegantemente disse o Sr. Bispo de Viseu no elogio de Simão de Cordes, que o estudo das *Humanidades*, acostumando os Litteratos á suave brandura das *Boas-Artes*, lhes torne temeroso o aspecto severo da doutrina. Além, pizaram um chão macio e semeado de rosas — aqui, encontram alguns espinhos de difficuldade e trabalho, que offerece o caminho um pouco mais aspero, pelo campo das sciencias. O mesmo docto Prelado se incumbiu de responder a este reparo, dizendo «.... se «o sanctuario é menos ornado que o vestibulo, tam«bem é mais augusto e venerando; e talvez o prin«cipal uso dos ornamentos do vestibulo é convidar á «entrada no sanctuario.»

E com effeito, quem impediu o eloquente Buffon de ser ao mesmo tempo notavel Litterato e grande Naturalista? As obras d'este immortal escriptor são um documento vivo da feliz alliança que póde dar-se entre as Sciencias e a Litteratura, appresentando-nos as severas revelações da Natureza na mais formosa linguagem, e n'um estylo cheio de graça e encantos.

Vêde o Representante de um povo nas Assembléas Politicas, vêde o Advogado, o Artista, — vêde o partido que todos elles tiram da Litteratura! Parece que as suas diversas producções passam atravez de um prisma, que magicamente as reveste de bellissimas côres, — e lhes communica esse fulgor, esse enthusiasmo, essa graça, que encantam, enlevam, arrebatam.

Demais d'isso, as sciencias são hoje mais amenas e muito menos aridas do que o foram n'outras epochas, não só porque a influencia da Litteratura chegou já a bafejá-las, senão tambem porque os progressos das differentes edades, favorecidos mais e mais pela benefica animação da Liberdade, teem desembaraçado a estrada, removido estorvos, e tornado mais accessivel o seu sanctuario.

Posto isto, perguntarei: Como se professa, como se estuda entre nós a Litteratura? — Aprendemos imperfeitamente, e muito á pressa, os rudimentos da grammatica portugueza, estudamos um pouco de latim, de logica e de rhetorica, adquirimos superficiaes noções de historia e geographia, e em seguimento vamos cursar algumas das Faculdades da Universidade.

Mais tarde, se um ou outro d'entre nós começa a reconhecer a importancia, e a apreciar a amenidade, bellezas, e vantagens da Litteratura, então descobre com magoa a insufficiencia das noções que alcançara, e só á força de uma inclinação irresistivel, de um trabalho improbo, e de aturadas fadigas, chega a adquirir alguns conhecimentos, que em todo o caso se ressentirão sempre da falta de alicerce e base, que fôra mister haver dado áquelle edificio.

Parece por tanto que é deficientissimo entre nós o ensino da Litteratura, e que conviria talvez elevar esta á cathegoria de Faculdade, comprehendendo um corpo scientifico de disciplinas, no sentido da resenha que acimo deixo exposta.

Mas com quanto o meu empenho seja unicamente sujeitar estas questões á ponderação de pessoas entendidas, julgo todavia indispensavel dar maior desenvolvimento ao assumpto, o que farei em outro artigo.

José Silvestre Ribeiro.

A Poesia.

Je fus poète alors! Sur mon ame embrasée
L'imagination secoua sa rosée,
Et je reçus d'en haut le don intérieur
D'exprimer par des chants ce que j'ai dans de cœur!

A Brizeux.

210 Vou cantar; foi minha sina
Cantando levar a dôr:
Hei de cumpri-la. É divina
A missão do trovador.
Quiz-me Deus por seu propheta,
Fadou-me, fez-me poeta,
Deu-me este mago condão;
Não hei de mentir á lyra,
Nem envolver na mentira
As vozes do coração.

Não hei de, que a Poesia
Dentro d'alma me nasceu,
Tão casta como a sentia
A namorada Dircêo.
Tão pura como desliza
Das palavras d'Heloiza
A descrever Abeilard;
Tão robusta, tão provada,
Como contam da espada
Do Camões — a guerrear!

Brotou-me puro e singelo
O meu singelo trovar,
Como nasce o lyrio bello
Sem cultura á beira-mar.
Nunca teve outro cimento,
Que não fosse o sentimento
D'este mundo desleal;
Nunca teve outra alegria,
Senão em sonhar um dia
Venturas a Portugal.

Cantei, em trovas sentidas,
Como cantou Bernardim,
Todas as juras mentidas
Que me fizeram a mim!
Fui poeta dos amores,
Com os demais trovadores
Uns lindos olhos cantei;
Como o Tasso desprezado,
Ainda não sei, coitado!
Como á vida me voltei!

Mas voltei, tinha saudades
Da minha terra infeliz;
Esqueceram-me as maldades
D'esta nova Beatriz.
Tinha prisões mais doiradas,
Eram as crenças sagradas
Da minha terra natal;
Eram os contos viçosos,
N'outros tempos mais ditosos,
Contados de Portugal.

Era tudo o que no peito
Sente quem tem coração;
Era temporal desfeito

De saudades e paixão.
Ao amor faziam guerra
As lembranças d'esta terra,
Em que vi, gozei a luz;
Em que, pela vez primeira,
Tive crença verdadeira
Na Santa Lei de Jesus.

Nascêra-me dentro d'alma
Um mais forte e puro amor,
Que a todos levava a palma,
Que tinha maior valor.
Eram cantos decorados
Dos altos feitos, marcados
Com o cunho portuguez;
Eram as Quinas erguidas
Nas arestas denegridas
De Ceylão, Ormuz e Fez!

De novo voltei á vida;
Saudei o luso pendão
N'uma lagrima nascida
Do fundo do coração!
Chorei o tempo perdido
N'esse amor estremecido,
Que me fôra tão cruel;
Chorei antigos delictos,
Como outr'ora esses proscriptos
Sobre a terra d'Israel!

Chorei o ter-me esquecido
De tudo o que Deus mandou,
Que fosse no mundo tido
Como Elle o ensinou!
Chorei sobre a Liberdade,
Que nos braços da beldade
Por pouco que não morreu;
Chorei tudo, chorei tanto,
Que pude com o meu pranto
Lavar o delicto meu.

Desde então a minha terra
Foi só tudo para mim;
As crenças que o peito encerra
Depor-lh'as aos pés eu vim.
Nunca mais a minha lyra
Se adornou da vã mentira
D'um falso mentido amor;
Ergui-me de pé — altivo,
Depuz ferros de captivo
Por honra — de trovador.

Sou um poeta-soldado,
Não sei á missão mentir;
N'este canto magoado
Disse tudo sem fingir.
Poeta da liberdade,
Fiz d'esta, nova deidade
A dama do meu pensar;
Prostrei-me aos pés da donzella,
Hei de com ella e por ella
A minha terra cantar!

Hei de, sim, que as rudes fallas
De soldado as puz aqui:
Mentiras, que são das salas,
Nunca eu as traduzi.
Não as sei — nem que soubera,
N'estes versos as puzera,
Que todos verdade são;
Nem tem logar a mentira,
Traduzindo aqui na lyra
As vozes do coração!

L. A. Palmeirim.

Zacuto Lusitano,

Jornal Semanal de Medicina, e Sciencias Accessorias.

211 É AINDA para lastimar o estado do paiz em relação á *imprensa*.

A falta completa de retribuição para o trabalho litterario prova o atrazo com que a civilisação se arrasta por esse reino.

Em as outras nações da Europa, ha homens bons e homens máus, assim como os ha em Portugal, porque esta distincção generica não se póde impugnar nem discutir, attendendo ás causas superiores d'onde provém; mas o que lá fóra sempre acontece, e já ha muito, é que os ignorantes são *zeros*, que só figuram á esquerda da unidade social. Aqui, por desventura nossa, dão-lhe o valor que elles desejam!

Em quanto o talento e o estudo não forem um meio — o unico — para dirigir a sociedade por todos os caminhos que conduzem á nova terra da promissão civilisadora, o *jornalismo* hade ser sempre acanhado e incompleto em todos os pontos que deve tractar.

Temos a este respeito proclamado verdades amargas, que poucas vezes soam no campo da imprensa, mas que nós repetimos, para justificarmos o auxilio franco e leal, e acompanhado de bons desejos, que ainda não deixámos de prestar aos collegas, que tomam a briosa resolução de entrarem, esperançosos e animados, no campo da imprensa litteraria e scientifica.

Faz córar as faces de vergonha o pensar no modo como se sustenta qualquer jornal. No empenho de o conservar não padece só a dignidade do escriptor publico, soffre tambem a dignidade do homem. Basta sobre o ponto, não para sempre, mas hoje.

As provas d'esta desgraçada situação não ha um só escriptor publico, que as não tenha escondidas no mais intimo da sua alma. Um dia virá em que serão o processo da ignorancia.

Em taes circumstancias, um novo jornal de Medicina e Sciencias Accessorias se começa a publicar em Portugal.

¿Quem poderá negar que este facto resume em si um pensamento elevado, que se deve louvar como um grande serviço feito á sciencia e ao paiz?

E convém saber que o seu plano se não modelou pelos que até ao presente se tem publicado: — sem os prejudicar, não poderá ser por elles supprido. O *Zacuto Lusitano* é um jornal em que as lettras se apresentam a par da sciencia, e no qual a critica é como a luz que allumia as vastas regiões que as duas forças exploradoras pertendem explorar.

Nem só o talento presidiu ao nascimento d'este jornal; o juizo tambem ahi entrou.

E como, quanto a nós, a critica não é incenso nem açoite, e as más sentenças são sempre nullas sem processo, iremos expor os fundamentos da nossa opinião a favor do *Zacuto*. Venham as provas do ventre dos autos.

Vejam como o titulo lhe demonstra o patriotismo, registando o nome de um medico portuguez, que, em seculo grande para a sciencia, nos deixou, em uma pagina da nossa esquecida historia scientifica, uma legenda de gloria, orvalhada pelas lagrimas do exilio, e allumiado de longe pelas fogueiras sacrilegas da inquisição.

Vêde o discernimento com que, por entre os primores de estylo e o merito historico do artigo biographico ácerca do judeu Zacuto, a santa Religião dos nossos maiores, a base unica de todos os melhoramentos sociaes, se respeita e se venera, separando o abuso, que pertence aos homens, da origem e da eternidade dos principios. A distincção não escholastica nem pedantesca, mas luzida e natural, divide o campo por onde o raciocinio deve caminhar.

O artigo, a que nos referimos, é uma preciosa amostra do que poderá ser a importante parte do jornal, intitulada *Litteratura Medica Portugueza*.

De grande interesse e variedade pensamos que deverá ser a parte clinica medica.

E de grande vantagem para a sciencia será a terceira parte do jornal, pelas copiosas e bem escolhidas noticias que contém.

A critica, até hoje desconhecida em Portugal n'este ramo dos conhecimentos humanos, tem no *Zacuto* uma parte especial. É difficil a tarefa que a este respeito tomou um dos nossos mais distinctos talentos medicos; mas não é inferior nos seus recursos scientificos nem no seu bom senso, e a cortezia e delicadeza de seu tracto.

O que a sua penna já tem escripto n'este sentido abona a nossa opinião. Os leigos na sciencia, levados pelo gracioso do estylo, e pela clareza da exposição de pontos bem difficeis de explicar, não precorrerão com a vista as primeiras linhas de qualquer dos artigos que temos presentes sem os lerem até ao fim.

Muitas são as pessoas, não só em Lisboa como nas provincias, a quem a leitura do *Zacuto* poderá aproveitar. O seu merito especial é não ser um jornal de profissão no rigor da *phrase*, e ao mesmo passo tornar-se indispensavel aos facultativos da nossa terra.

Não sabemos se avaliamos bem as intenções dos illustres Redactores do *Zacuto*, todos talentos muito provados nas lides scientificas, mas dizemos o que a sua leitura nos inspirou.

Em o n.º 2 vimos o nome de seu Redactor principal o Sr. José Eduardo Magalhães Coutinho, ornamento distincto da nossa sociedade medica. Esperamos que em os numeros seguintes se estampem tambem os dos seus illustres collaboradores.

É esta uma exigencia de conveniencia publica, que a modestia não póde recusar.

Confiamos em que o *Zacuto* justificará no futuro o que a seu respeito hoje pensamos.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

25 A 30 DE JANEIRO.

Diario n.º 22.

212 MAPPA demonstrativo da importancia dos documentos de cobrança não realisada, que no dia 20 de Junho de 1848 existiam em poder dos recebedores e cobradores dos concelhos do districto de Aveiro, ou em processo de execução administrativa, e relaxada ao poder judicial. É a importancia total d'este mappa 72:435$257 réis.

—

Dito n.º 23.

Um mappa como o de cima, do districto administrativo do Porto: é a sua importancia total de réis 424:680$699.

Acta da installação da Sociedade agricola de Portalegre.

Estatistica do Conselho Supremo de Justiça militar no anno de 1847.

—

Dito n.º 25.

Resumo geral do lançamento da decima e impostos annexos do anno economico de 1846 a 1847 no districto de Bragança. É a sua importancia total de 43:684$202 réis.

—

Dito n.º 26.

Igual resumo ao de cima, do districto de Aveiro, do anno de 1847 a 1848. É a sua importancia total de 50:335$248 réis.

Baile do Sr. Marquez de Vallada.

213 O BAILE, que houve em caza do Sr. Marquez de Vallada, em a noite de 29 de Janeiro, será um dos mais esplendidos saráus do presente inverno.

N'esse dia fazia annos a joven Marqueza. A reunião foi brilhante em todo o sentido. Nem só a nobreza dos esposos levava as pessoas mais distinctas dos differentes partidos ás salas do seu palacio. O Marquez não é só um fidalgo, é tambem um homem de letras, e os seus estudos e talento habilitam-n'o para accrescentar aos seus pergaminhos um titulo, que lhes não será inferior.

As honras da caza foram feitas com a mais distincta delicadeza. A alegria, que animava os illustres esposos, interessava a todos. Na parte do palacio, destinada para se dançar, começou o baile depois das 10 horas, dançando, em uma das salas, a Sr.ª Marqueza de Vallada com seu cunhado, o Conde da Ribeira Grande; e na outra a Sr.ª Duqueza da Terceira com o Marquez.

Continuou o baile animado pelo decurso da noite.

Todas as salas estavam mobiladas com gosto, e, muito em particular, as que servem de residencia habitual. Era n'essa parte do palacio que ficava a *Camara* em que se admiravam as magnificas e pri-

morosas rendas de França, de extraordinaria largura e peregrino lavor, com as quaes foi brindada uma illustre ascendente da caza de Lafões, quando a Rainha, a Sr.ª D. Marianna de Austria, mulher do Sr. Rei D. João V, pondo-a á sua meza, a tractou por prima.

Perto da camara estava o toucador, ornado com os aprestos precisos, os quaes o Duque de Lafões offereceu a sua filha por occasião do casamento; bem como tambem ahi estava a linda salva em que o noivo lhe offereceu as joias.

Observavam-se n'este baile muitos trajos elegantes e novos, e riquissimas joias, coisas estas que hoje só como raridade se contam.

Até os homens se vestiram como deviam; e com satisfação se podia ver que aquella reunião era nas salas de um baile, e não em um passeio publico, ou em um theatro, pois que realmente, n'este ponto, temos visto, em outros bailes, abusos bem merecedores de reparo.

Um celebre collar, que se avalia em doze contos de réis, e no qual dois fios de grossos e puros brilhantes susteem os circulos das mesmas preciosas pedras, que servem de engaste a *camafeus* de grande merito e raridade, ornava o collo da joven esposa do filho de uma senhora, a quem mais de 70 annos de edade não apagaram ainda as provas de uma rara formosura, nem a alegria de quem povoa a solidão da caza, em que passa algumas horas do dia com o mavioso canto de muitas aves.

E já que fallámos em belleza, era occasião de citar algumas formosuras; mas eram tantas, que nem mesmo faremos uma excepção para certo perfil grego, animado por uns olhos puramente arabes, nem para um rosto peninsular, em que ondulava um sorriso melancholico, estando um no vigor da vida, já coberto pelo crepe da viuvez, e o outro ainda coroado por candida capella; nem tão pouco para uma phisionomia de grande belleza, em que gira o sangue de Bragança: não fazemos excepções; olhem que bastantes opiniões as pediriam.

Uma Sr.ª Baroneza, bem conhecida pela sua avultada fortuna, ostentava grande numero de diamantes.

No collo de uma das Marquezas, que tem ligado o seu nome aos mais esplendidos bailes, que tem visto Lisboa, se admirava um fio de excellentes brilhantes, que harmonisava com as ricas flores que lhe ornavam a cabeça, e com as rarissimas *turquezas* de que eram as pulseiras. Cinco brilhantes de dimensões grandes e eguaes, postos em cruz, enfiados em simples cordão preto, pousavam sobre o peito d'uma das mais ricas e formosas herdeiras da nossa fidalguia.

Os jornaes de modas, se em Portugal podessem ser o que são em outros paizes, suppririam o que falta n'estas simples recordações de um baile, em que agradavelmente correram, como momentos, muitas horas.

Suicidio de um Proprietario.

214 Em Janeiro d'este anno, um suicidio commettido no meio de apparentes venturas do mundo, por um homem qualificado como rico, foi assumpto que por alguns dias mereceu a attenção publica.

O facto correu desfigurado, como todos os que não teem senão a publicidade dos irresponsaveis fabricantes de novellas.

Em Lisboa não ha noticias, (nos jornaes se entende), e é para lastimar que este titulo em os nossos jornaes politicos, só sirva de marcar onde vem a copia do que dizem os jornaes do Porto; mas a culpa não é dos jornaes, é do publico, porque na segunda cidade do reino, são muitas as communicações que de varios pontos correm para os Escriptorios das Redacções dos seus jornaes.

Em Lisboa ninguem se incommoda com isto: ha oito annos que a Revista tem as suas columnas francas para a narração dos factos, que bem se possam averiguar, e a repetição e instancia do pedido pouco tem alcançado. Novamente o repetimos ao contar o que nos constou ácerca d'este suicidio.

Izidoro d'Oliveira Carvalho Netto, que em Janeiro se matou com um tiro, deixando em predios uma fortuna, que seguramente se póde avaliar em 70 contos de réis, não teve os principios que inculca o comprimento do seu nome.

N'este reparo ha quanto a nós honra, e não censura para o fallecido, e por isso o fazemos, que bem sabemos nós os deveres, que á penna e á palavra impõe a sepultura, em que vão jazer os restos mortaes do que já não vive no mundo.

A historia do nosso *commercio de sacco* não é de todo indifferente aos principios da fortuna do infeliz, que ás portas da morte se manchou com um crime.

Não é só o presente que define a nossa ignorancia desgraçada, no passado essa decadencia, que mal se comprehende, tambem o demonstra bastante.

O engrandecimento do nosso commercio não era obra da intelligencia, e passou para outras nações, como o dia que só é visto nas regiões que o sol alumia: a prosperidade publica brilha á luz da intelligencia.

Ao entrarmos no seculo em que vivemos, as fortunas ainda corriam para as mãos dos nossos antepassados, como o ouro da California para os que vivem perto das minas.

¿O que eram então os affamados Netos de Cacilhas?

Uns vendedores de brixes e pannos de véla, mettidos em uma casa, que mais parecia uma toca, e dividindo o seu tempo em estar a comer, a dormir, ou a vender. Gordos e córados amortalharam-se em brixe para se separarem do resto da gente, e levaram o proposito de não sahirem da tal baiuca a ponto, que tendo comprado uma vasta propriedade por boa somma de mil cruzados, por algum tempo se contou na terra o caso raro de um delles a ir vêr de noite.

Izidoro de Oliveira, depois de ter sido buforinheiro, foi creado dos Netos, assim chamados por alcunha, que elle depois tomou por appellido, cazando com uma sobrinha de seus patrões, á qual em herança deixaram a fortuna que possuiam.

A vida de seus antigos amos não podia deixar de influir no herdeiro.

O habito de possuir oiro, e não só predios, parece que dominava bastante no seu caracter. A crise

financeira por que temos passado causou-lhe alguns prejuizos.

A indole e a pratica da sua vida, não lhe davam recursos para vencer o effeito, que no seu animo faziam perdas, que apezar de avultadas, não podiam para elle ser ruina. A esta causa se attribuiram varias tenções, que por vezes manifestou, de se suicidar.

Havia algum tempo que o mandavam vigiar quando sahia de caza, mas ao acabar de jantar do dia 2 de Janeiro pôde ir para um quarto, onde se cuida que tinha escondido uma arma, e ahi a disparou contra si, sellando com um crime o cabo da vida.

Era cazado, e deixou mulher viva, e quatro filhas e um filho.

Se a narração d'este facto contém em si uma licção, sem offensa da memoria do que lhe serve de exemplo, fazemos votos para que aproveite.

Estatistica das enfermarias de Medicina da Cadêa da Cidade, pertencente ao 2.º semestre de 1848.

215 Entraram doentes 102; sahiram curados 72; melhorados 13; soltos 2; passados para as enfermarias de cirurgia 2; fallecidos 2; ficam existindo para o 1.º semestre do presente anno 11.

D'estes 102 doentes, 27 eram de edade de 14 a 25 annos; 64 de 25 a 50 annos; e 12 de 50 para cima. Solteiros 62; casados 30; viuvos 10; com um anno de prisão 81; de 1 até 5 annos 16; e de 5 para cima 1. Eram homicidas 14; roubadores 56; de crimes menos graves 32.

Profissões. — Trabalhadores do campo 45; artistas 20; commerciantes 8; maritimos 7; militares 5; ecclesiastico 1; criados de servir 7; guardas da cadêa 4; vadios 5.

Molestias. — Febres 8, sendo 7 intermittentes, e 1 meningo-gastrica; doenças do apparelho respiratorio 19, sendo 5 phtysicas pulmonares; anhidroses 22; doenças do apparelho gastro-intestinal 22; rheumatismos 14; lesões do coração 4; alienações mentaes 2; syphilis constitucional 2; erysipelas 5; asthenia geral 2; cystite 1; otite 1; apoplexia cerebral 1; dartro humido 1.

No 1.º de Julho existiam nas cadêas 378 presos; entraram, até ao fim de Dezembro, 441; total 819. Relação entre esta cifra e a dos doentes 8:1; e a d'estes para os fallecidos 50:1; e, finalmente, a d'estes para o total dos presos como 1:409.

Da confrontação d'esta breve estatistica com a do 1.º semestre, se vê claramente que o estado sanitario das cadêas da Cidade melhorou consideravelmente; e para o provar bastará dizer que n'aquelle 1.º semestre entraram para as enfermarias 129, e falleceram 6; e n'este 2.º entraram 102, e falleceram 2 apenas.

Lisboa, 18 de Janeiro de 1849. *G. A.*

Os Contos da Peninsula no Gymnasio.

216 As *Recordações da Peninsula*, com que o nosso collaborador o Sr. Palmeirim tem honrado as paginas da Revista, vão alcançando com rapidez admiravel a popularidade que merecem. O poeta achou no Sr. Braz Martins, de quem já temos fallado, um interprete que o comprehende.

O pensamento do poeta, a cadencia da sua metrificação, a nacionalidade do seu cantar, as castas inspirações da sua alma sahem dos labios do Sr. Martins para commoverem quantos o ouvem, e para que os applausos ornem com as verdadeiras palmas da gloria os caminhos espinhosos da vida do poeta.

Sabbado, o Sr. Martins recita o *Granadeiro*, e no dia do seu beneficio o *Gomes Freire*, o mais apaixonado dos tres *contos* publicados.

É um espectaculo raro em todo o sentido o assistir á recitação dos contos, e o ver como o publico entende aquella linguagem do poeta-soldado repetida pelo actor-auctor.

Theatros.

217 No Theatro de D. Maria II se estão ensaiando as *Tres cidras do amor*, composição do mais dramatico dos nossos talentos modernos. Esperamos que no desencantar das cidras brilhem mais uma vez aquelles rasgos arrebatadores de engenho e elegantes primores de estylo, que o auctor dos *Dois Renegados* prodigalisa nas suas obras: dizemos, prodigalisa, porque em verdade Deus permitte que o Sr. Mendes Leal possa ser prodigo de talento.

Doe-nos o coração o pensar que, só n'esta terra, tal penna se conserve ociosa para as lettras, a que podia tecer elogio de tão peregrino louvor. Sabemos que a representação das *Tres cidras* será sumptuosa, e que são avultadas as despezas que já se tem feito.

Em S. Carlos a maior novidade, além da maior que alli ha, e muito, é a representação de *Macbeth*: só temos a mencionar o beneficio da Sr.ª Bussola, que n'essa noite foi muito applaudido, e que na sua engraçada dança apresentou algumas raridades que agradaram. Vinha perfeitamente bem vestida. A *Beatriz de Tenda* volta á scena, e o *Barbeiro de Sevilha* tambem será repetido na presente epocha theatral.

As operas comicas do Sr. Miró cada vez agradam mais no Gymnasio, sendo muito para louvar o quanto os actores trabalham para agradarem ao publico.

COMMERCIO.

218 Cereaes em 24 de Janeiro.

Trigo do reino rijo	de	300	a	360	réis	a bordo.
» » molle	de	380	a	450	»	»
» da ilha	de	330	a	380	»	»
Milho do reino	de	220	a	240	»	»
» da ilha	de	200	a	210	»	»
Cevada do reino	de	140	a	160	»	»
» da ilha	de	140			»	»
Centeio do reino	de	200	a	220	»	»

Praça de Lisboa, 31 de Janeiro. — Tem havido transacções nos fundos publicos de 5 por cento, e nas Acções do Banco de Portugal a 465$ e 470$. Acções do Fundo de Amortisação 43 a 45 por cento. Os mais papeis de credito conservam os preços cotados em o numero anterior. Desconto das Notas do Banco de Lisboa, de 24 a 31 de Janeiro, compra 2$000 por moeda, venda 1$980 réis.

— Cambios effectuados na Praça de Lisboa em 30 de Janeiro de 1849.

Londres	30 d v	52 1/2	52 3/4
	9 d d	53	
Paris 8 d v		537	
100 d d		534	535
Hamburgo 3 m d		48	
Amsterdam 3 m d			
Porto 3 d v		1/2 p c d	

— Estado do Mercado em 30 de Janeiro de 1849.

Assucar. — Teem havido vendas para reexportação, regulando a 1$200 réis o branco, e 900 réis o mascavado, captivo de direitos.

Café. — Os possuidores estão firmes nos preços de 1$500 a 1$400 e 1$300 a 1$350 por 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidades do Rio, em virtude da procura que ultimamente tem havido para fóra: a existencia orça por umas 9.000 sacas.

Marfim. — As ultimas vendas foram a 1$000 réis por arratel do de Moçambique, e 930 por lei 840 máu, e 500 réis escravelho d'Angola.

Cera. — Pela amarella d'Angola pedem os possuidores 215 a 220, segundo a qualidade: a branca da terra tem-se reputado por 300 réis.

Cacáu. — Houve vendas a 1$600 réis.

PREÇO MEDIO DOS GENEROS CEREAES, VINHO E AZEITE NOS CONCELHOS ABAIXO MENCIONADOS, PERTENCENTES AO DISTRICTO ADMINISTRATIVO D'AVEIRO, PELO MEZ DE DEZEMBRO DE 1848.

Concelhos	Preço dos cereaes em relação ao alqueire				Preço dos liq. em relação ao almude		Proporção das medidas de secco com as de Lisboa	Proporção das medidas de liquido com as de Lisboa
	Trigo	Milho	Cevada	Centeio	Vinho	Azeite		
Agueda	440	220	140	180	130	2:800	Para mais da 6.ª parte	Para mais dois quartilh.
Albergaria	480	280	200	240	140	2:400	Egual	Egual
Anadia	340	240	180	200	140	2:000	"	"
Angeja	500	300	240	280	240	4:200	Para mais tres oitavos	Para mais um terço
Arouca	—	—	—	—	—	—		
Aveiro	420	230	150	220	160	2:500	Egual	Egual
Bemposta	480	300	180	280	200	4:000	Para mais um oitavo	Para mais um terço
Cast. de Paiva	580	340	300	340	260	4:200	" " uma quarta	" " tres canadas
Eixo	440	240	120	220	120	3:000	" " uma maquia	" " meia canada
Estarreja	520	280	240	280	240	3:600	" " um oitavo	" " um terço
Feira	650	320	360	400	160	3:200	" " um terço	" " "
Fermedo	560	360	280	320	120	4:800	Egual	Egual
Ilhavo	—	—	—	—	—	—		
S. L. do Bairro	360	240	180	340	—	—	Ignora-se	Ignora-se
M. de Cambra	—	360	—	320	200	—	Para mais uma quarta	Para mais uma quarta
Mira	370	240	200	260	240	2:600	" " um selamim	" " seis quartilh.
Oliv. d'Azemeis	600	360	280	280	—	—	Ignora-se	Ignora-se
Oliv. do Bairro	—	—	—	—	—	—		
Ovar	600	360	340	360	720	3:400	Para mais meio alqueire	Para mais tres canadas
Pereira Juzã	720	440	430	360	200	3:200	" " um selamim	" " uma quarta
Sever	600	320	160	200	160	4:000	Ignora-se	Ignora-se
Souza	—	—	—	—	—	—		
Vagos	450	300	180	320	200	2:800	Para mais um oitavo	Para mais seis quartilh.
Vouga	520	240	290	280	240	2:400	" " tres maquias	" " 14 "

Relação das embarcações construidas nos estaleiros abaixo designados no anno de 1848.

219 Porto — Villa-nova.	Brigue Marinho 2.°
	Dito Dois Amigos.
	Dito Galgo.
	Dito Sem nome.
	Dito Roballo.
	Dito Leonidas.
	Dito Almirante de Cabo Verde.
	Dito Inveja.
	Dito Pressa.
	Palhabote Segredo.
Dito — Praia do Oiro	Dito Ligeiro.
	Dito União e Segredo.
	Dito Alipede.
	Barca Sacramento.
	Dito Lima.
	Brigue Pedro Grande.
	Dito Encanto.
	Dito Previsto.
	Dito Andorinha.
Fão	Hiate Imprevisto.
	Dois Hiates de que não constam os nomes.
	Patacho Dois Irmãos.
Espozende	Rasca Correio de Vianna.
	Hiate Oliveira 3.°
	Dito de que não consta o nome.
Villa do Conde	Hiate Boa Fé.
	Dito Rapido.
	Barca Linda Flôr 2.°
	Um navio para a Companhia de Pescarias.
Azurara	Hiate Galarim.
	Dito Heroismo.
	Escuna Ligeira.
Póvoa	Rasca Senhora das Neves.
	Dita Senhora do Pilar.
Caminha	Dois Hiates de que não constam os nomes.
Aveiro	Hiate Voador do Vouga
Figueira	Hiate Voador do Mondego.
	Um Hiate de que não consta o nome.
	Um navio idem.

BIBLIOGRAPHIA.

220 *Collection des principaux économistes.* Este excellente livro acaba de publicar-se em París, na Livraria de Guillaumin. Tudo o que a sciencia tem produzido de notavel se encontra n'esta preciosa collecção. Poucas serão as pessoas, dadas á sciencia economica, que não devam possuir esta collecção, que encerra em si as obras de Turgot, de Adam Smith, de Maltus, de Ricardo, e de J. B. Say. O editor juntou tambem os melhores e principaes escriptos de Boisguillebert, Vauban, J. Law, Le Tosne, Condillac, Condorcet, Franklin, Lavoisier, Necker, Bentham, Montyon, e varios outros. Esta edição é feita com o maior escrupulo possivel debaixo da direcção de M. Fonteyraud. As notas explicativas, os commentarios, e as noticias biographicas sahiram das pennas dos homens mais eminentes na sciencia, taes como Blanqui, Rossi, Eugène Daire, H. Dussard, Garnier, Say, Monjean, e Fonteyraud.

—

Miscellanea ou collecção curiosa de varios escriptos religiosos, civis, politicos, moraes e litterarios de diversos auctores, a principiar pelos do insigne e eloquente orador Fr. Antonio Alfredo de Santa Catharina Braga, publicado por Francisco de Salles Gomes Cardozo e Francisco José Coutinho. Tomo I. Preço 480 réis: vende-se em Lisboa na Rua Augusta n.° 8, e no Porto na Typographia Commercial.

—

Zacuto Luzitano, Jornal semanal de Medicina e Sciencias Accessorias. Assignaturas, por anno 2$400 réis, seis mezes 1$200, tres mezes 600: avulso cada numero 60 réis. Assigna-se e vende-se no Escriptorio do Jornal, Travessa de Santa Justa, n.° 18 F, 2.° andar, e na Rua Augusta n.° 8, e mais lojas do costume.

—

Memorias de um medico, por Alexandre Dumas: publicaram-se o 6.° e 7.° volume. Vendem-se na Rua Augusta n.° 8.

Expediente.

ESCRIPTORIO — Rua dos Fanqueiros n.° 82.

Correspondencia franca de porte — ao Redactor e Proprietario da Revista Universal Lisbonense.

Assignatura.

Doze numeros.....	$600	réis.
Vinte e quatro ditos	1$200	»
Quarenta e oito ditos.....	2$400	»

Por assignatura sahe cada n.° a 50 réis: *avulso* vende-se por 80 réis.

De qualquer ponto do reino, assigna-se por meio de carta, e em Lisboa no Escriptorio e na Rua Augusta n.° 8, e nas mais lojas em que se annunciar.

Todos os artigos, não assignados ou marcados, pertencem á Redacção.

— Brevemente publicaremos uma importante estatistica relativa ao trafico da escravatura, que nos foi offerecida pelo Sr. Visconde de Sá.

— Agradecemos ao Sr. J. E. R. da Costa, Secretario do Governador Civil, os esclarecimentos prestados por S. S.ª relativos ao seu districto.

— Temos em nosso poder duas poesias: *A Vivandeira* (Conto da Peninsula) e *A Promessa do Barqueiro.*

— A communicação do Sr. A. V. Rodrigues será publicada.